

A HISTÓRIA E A FORMAÇÃO DA IDENTIDADE SOCIOCULTURAL DA REGIÃO DO ALTO VALE DO RIO NEGRO¹

*Cirene Linzmeier Heyse²
Maria da Salete Sachweh³*

RESUMO: Este artigo faz uma breve retrospectiva histórica da colonização e formação da identidade sociocultural da região do Alto Vale do Rio Negro. Durante aproximadamente as últimas 20 décadas do século XIX e início do século XX, a região do Alto Vale do Rio Negro recebeu grandes levas de emigrantes, este fato alterou o modo de vida tanto dos povos que já habitavam a região, bem como daqueles que optaram por residir naquele espaço. Ao chegarem a RAVRN trouxeram mais que simples bagagens, traziam junto com eles um legado socioeconômico e cultural que deu a região uma característica que a projetou tanto no Brasil quanto no mundo, na produção e utilização da madeira. Inicialmente esta região caracterizou-se como expansão territorial da cidade de Joinville em direção a Rio Negro, no Paraná através da abertura da Serra Dona Francisca, e foi na extração e comercialização da erva-mate e depois da madeira que a região desenvolveu-se e construiu a identidade de polo moveleiro.

PALAVRAS CHAVE: Região do Alto Vale do Rio Negro, identidade sócio-cultural e imigração alemã.

HISTORY AND THE SOCIOCULTURAL IDENTITY FORMATION OF RIO NEGRO HIGH VALLEY REGION.

ABSTRACT: This article draws back to the history of the colonization and the socio-cultural identity formation of the Rio Negro High Valley Region. During about the last two decades of the XIX Century, the Rio Negro High Valley Region received a great number of immigrants, this fact altered the lives from the people that already inhabited the region as well as from those who chose to reside in that space. Arriving at the Rio Negro High Valley Region, they brought more than just baggage, they brought with them a socio-economical and cultural legacy which gave the Region a characteristic that projected it either in Brazil as well as in the world, in the production and use of wood. Initially this region was characterized as a territorial expansion of the city of Joinville towards Rio Negro, in Paraná through the opening of Dona Francisca Mountains, and it was through the extraction and trade of erva-mate and then lumber that the region developed and built its identity as a furniture pole.

Key Words: Rio Negro High Valley Region, sociocultural identity and colonization.

INTRODUÇÃO

A região do Alto Vale do Rio Negro

A região do Alto Vale do Rio Negro, não pode ser confundida com a meso ou com a microrregião da qual ela faz parte. É composta pelos municípios de Campo Alegre, Rio Negrinho e São Bento do Sul e se constitui em uma pequena parte da mesorregião Planalto Norte Catarinense, que por sua vez é composta por 26 municípios¹ que integram três microrregiões².

De acordo com a Constituição Federal de 1988, microrregião é um conjunto de municípios limítrofes que tem por finalidade integrar a organização, o planejamento e a execução de funções públicas de interesse comum, e neste caso formada pelo agrupamento dos municípios em questão, ou seja, a região foco deste estudo trata da mesma divisão regional motivada por questões socioeconômicas e que coincidentemente integra a microrregião de São Bento do Sul.

A microrregião de São Bento do Sul localiza-se no Planalto Norte de Santa Catarina e nas divisas do Sul do Paraná. Encontra-se inserida na Serra Geral e nas encostas da Serra do Mar. Apresenta em si características geográficas de terrenos extremamente acidentados o que dificulta, em grande parte, a prática da agricultura no que se refere a grandes extensões de áreas rurais. Porém este fator natural direcionou a economia às atividades e modelos industriais trazidos, em especial, pelos colonos europeus, que de início se voltaram a economia extrativista.

A nova terra

A densa floresta de mata nativa oportunizou novo modelo de vida aos imigrantes oriundos de países mais desenvolvidos tecnologicamente, pois a Europa estava vivendo a instabilidade socioeconômica, fruto do desenvolvimento e fragmentação de países como Itália e Alemanha, entre outros, bem como da própria Revolução Industrial que, naquele momento disponibilizava mão-de-obra ao mesmo tempo em que ia desmoralizando o trabalho do camponês. Fatos estes que em muito lhes tolhia a liberdade e o direito a uma vida mais digna em suas próprias terras.

Desse modo buscavam em outras regiões viver com liberdade em uma terra ainda desconhecida que lhes prometia desenvolvimento. Neste contexto é importante que se empreste as ideias de Sen (2005) quando trata do desenvolvimento e afirma que este:

Pode ser visto como um processo de expansão das liberdades reais que as pessoas desfrutam. O enfoque nas liberdades humanas contrasta com visões mais restritas de desenvolvimento, como as que identificam desenvolvimento com crescimento do Produto Nacional Bruto (PNB), aumento de rendas pessoais, industrialização, avanço tecnológico ou modernização social. (SEN, 2005, p. 17)

Ao tratar das questões que se referem aos imigrantes, Cabral (1994) afirma que estes chegaram e foram se estabelecendo nos fundos dos vales litorâneos, depois adentraram ao planalto e demais áreas territoriais catarinenses. Eram povos de diferentes nacionalidades como: italianos, alemães, poloneses, entre outras etnias, mas que tanto uns, quanto outros tiveram a difícil tarefa de

¹ Os 26 municípios que fazem parte da mesorregião Planalto Norte do Estado de Santa Catarina são: Bela Vista do Toldo, Canoinhas, Irineópolis, Itaiópolis Mafra, Major Vieira, Monte Castelo, Papanduva, Porto União, Santa Terezinha, Timbó Grande e Três Barras.

² As três microrregiões que compõem a mesorregião do Planalto Norte do estado de Santa Catarina são denominadas: Canoinhas, Joinville e São Bento do Sul.

vencer as dificuldades impostas pela natureza e pelos próprios elementos humanos que já habitavam estas terras.



Figura 1 - carroceiros com “ Sãobentowagen” no início da colonização
Fonte- Temes, 2002, p.83.

A descrição das dificuldades do processo de colonização pode ser encontrada em Dall' Alba e Souza (2008) quando demonstra que houve uma total falta de preparação tanto dos imigrantes que aqui chegavam, quanto dos povos sertanejos que aqui viviam. Muitos destes últimos eram mestiços de índios e brancos e de uma hora para outra viram suas terras serem transformadas em colônias estrangeiras e eles próprios desalojados de seus espaços e de sua cultura.

Como se trata de um período que antecede os anos de 1822, ainda fazia parte das políticas do Reino Português (do qual até então o Brasil era dependente) colonizar o Brasil apenas com elementos brancos para que o negro não predominasse na formação do povo e da cultura brasileira, mas com isto pretendia-se também substituir a mão-de-obra escrava. Nesta época os brancos que já estavam alojados no país tinham a noção de que os povos que aqui viviam eram despojados de qualquer tipo de cultura. Poucos entendiam que esta é uma marca da história, dos hábitos, das crenças e dos costumes dos mais diversos agrupamentos humanos (CÔRREA, 1997).

Dall' Alba e Souza (2008) em seus estudos apontam ainda que foi em meados do século XIX, quando estava no poder D. Pedro II, que se deu de forma mais intensa a procura por povos brancos que pudessem vir da Europa para o Brasil. Assim, as Companhias Particulares de Colonizações fizeram extensas campanhas naquele continente, de modo que conseguiram trazer para cá milhares de imigrantes, cujas marcas colonizadoras e culturais se encontram ainda hoje, mais fortes, nas cidades de Blumenau, Brusque e Joinville e seus entornos.

Quando estes povos chegaram a Santa Catarina esperavam encontrar uma região próspera de trabalho, terras para cultivar e liberdade para desenvolver-se econômica, social e politicamente, onde suas vidas estariam garantidas pela segurança e transparência governamental. No entanto, esta não foi a realidade encontrada, o que se viu por aqui foi mata fechada, a resistência dos nativos, grandes distâncias e poucas condições de acesso a propriedade, além de ausência de políticas sociais e de distribuição de terras, entre outros tantos problemas encontrados. Estas dificuldades exigiram afastamento das propostas, idéias e sonhos iniciais na busca do desenvolvimento. Nesta perspectiva se entende as palavras de Sen (2005, p.10) quando afirma que:

Superar esses problemas é parte central do processo de desenvolvimento. (...) a condição de agente de cada um é inescapavelmente restrita e limitada pelas oportunidades sociais, políticas e econômicas de que dispomos. Existe uma acentuada complementaridade entre a condição de agente individual e as disposições sociais: é importante o reconhecimento simultâneo da centralidade da liberdade

individual e da força das influências sociais sobre o grau e o alcance da liberdade individual. (SEN, 2005, p.10)

Ao chegar a região sul do Brasil estes povos passaram a habitar e a fazer uso constante de técnicas artesanais com misto dos avanços industriais já conhecidos por eles, fato este que os caracterizou sócio e culturalmente. Porém, seu modo de trabalho foi sendo adaptado às culturas locais e as condições propiciadas pelo novo espaço geográfico.



Figura 2 – Sociedade Escolar no Planalto Norte Catarinense.
Fonte: acervo particular de Fernando Tokarski

No final do século XIX e XX, a chegada dos imigrantes um novo paradigma cultural se instala na região. Esta afirmação deve-se a percepção de que aqueles que aqui chegavam traziam na bagagem algo que ia além de seus pertences pessoais, acompanhava-os a capacidade empreendedora que, nesta região se destacou, naquele período, especialmente no comércio da erva-mate e da madeira, produtos que constituíam imensa riqueza regional.

Um pouco da história da colonização da microrregião de São Bento do Sul.

De acordo com os estudos de Antonio Dias Mafra (2008), por um longo período histórico, a microrregião de São Bento do Sul viveu economicamente da exploração e venda da erva-mate. Tanto os sertanejos que aqui viviam, quanto os imigrantes que por aqui se estabeleceram, desfrutavam deste produto, que era tido como de melhor qualidade. Motivo pelo qual se reconhece que a erva-mate foi, desde cedo, um produto de exportação, que muito contribuiu para o desenvolvimento socioeconômico da região.

Cabral (1994) encontra-se entre os historiadores que voltou seus estudos aos aspectos sociológicos e culturais do Estado e em especial aqueles que envolvem a colonização da região do Alto Vale do Rio Negro.

O autor anteriormente citado descreve, que a partir de 1854, a Diretoria da Colônia D. Francisca (Joinville) propôs ao Presidente da Província, construir uma estrada de rodagem que

cortasse a região de Serra Acima em direção a Rio Negro, no Estado do Paraná. Para este trabalho havia necessidade de mão-de-obra e foi somente em 1872, que aproximadamente a 60 quilômetros de Joinville, ou seja, hoje em terras pertencentes ao município de Campo Alegre (no local conhecido por São Miguel), no alto da serra, que se estabeleceram alguns poucos colonos.



Figura 3 - Acampamento de carroceiros no alto da Serra: assim começam os Povoados.
Fonte – Temes, 2002, p.106

As terras já haviam sido preparadas pela empresa colonizadora da região, em glebas, que serviriam para a criação de um núcleo populacional de imigrantes. Porém, tão logo chegaram constaram a impropriedade das terras, para a agricultura, pois o subsolo é extremamente rico em caulín³, condição esta que forçou aqueles poucos imigrantes, um ano depois, a se estabelecer 24 quilômetros mais adiante, ou seja, mais para o oeste, junto às margens do Rio São Bento, onde é fundada a ‘Colônia São Bento’ (CABRAL, 1994)

³Designa as argilas brancas não plásticas, com algumas impurezas, mas portadoras de teor comercial e de composição que muito se aproxima do mineral caulinita. (ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL, 1979, p. 2190)



Figura 4 - Vista de São Bento do Sul, em 1879, seis anos depois de ter sido colonizada.
Fonte – Temes, 2002, p. 91.

Segundo Kormann (1990, p.18), este não foi o único motivo que fez com que essa cidade fosse fundada,

Outros fatores contribuíram para que surgisse um motivo suficiente a concretizar a fundação de São Bento. Um Brasil assim tão vasto, [...] **precisava ser habitado por gente muito civilizada, gente que fosse capaz de fazer o progresso sem muita interferência do governo, sem muito paternalismo.** Mas para isso se precisava de imigrantes não educados sob este costume que a raça latina, [...]. **Precisava de alguém que fosse capaz de mostrar aos demais brasileiros que também é possível resolver seus próprios problemas culturais, sociais, econômicos e políticos no fundo do sertão, longe de tudo que possa significar proteção paternalista.** Foi aí que se pensou na imigração alemã em Santa Catarina. (KORMANN, 1990, p.18). (sem grifos no original)

Neste contexto, surge a primeira cidade que compõe o foco deste artigo e que deu origem aos outros dois municípios que integram a microrregião de São Bento do Sul.

Na cidade de São Bento do Sul, os primeiros colonos passaram a viver da extração da erva-mate para consumo e pequenas vendas que permaneceram por muitos anos. Era uma atividade livre que servia para reforçar o sustento do sertanejo. Mafra (2008) assegura que este modo de produção lhes permitiu ganhar dinheiro e ao fazê-lo, os introduziu no mercado. Permitia-lhes também, perceber que este produto não exigia de imediato uma nova forma de trabalho, ou seja, fazer o plantio o que provocaria uma mudança e novas adaptações. Assim, de início, a vida era mais cômoda para a época, pois a erva-mate como produto vendável existia no fundo dos quintais e sua exploração em larga escala tornava a região rica em exportação e ao mesmo tempo ao processar o produto o encarecia comercialmente.



Figura 5- Sapeco da erva-mate.
Fonte – Temes, 2002, p. 115.

Neste sentido, entende-se como foi à chegada e adaptação dos imigrantes neste novo território. Há que ser lembrado o quanto o modo de vida local influenciou no processo de colonização do Alto Vale do Rio Negro. Esta afirmação se dá por entender que os que ali se fixaram não estavam incluídos no grupo social de grande poder econômico como daqueles que se estabeleceram Serra Abaixo, e por isto mesmo buscavam um novo cenário geopolítico, inclusos aí, terras que lhes garantissem a sua sobrevivência e de seus familiares, bem como lhes proporciona-se uma fonte de renda. De início esta sobrecaiu diretamente no produto explorado pelos sertanejos locais, ou seja, a erva-mate, que passou a ser conhecida pelos novos habitantes do Planalto como um outro tipo de ouro: o ouro verde⁴.

Neste sentido, torna-se interessante notar as palavras de Mafra, quando afirma que

[...] a erva-mate no século XIX e XX foi o verdadeiro carro chefe da economia do Paraná e do Planalto norte de Santa Catarina. Foi responsável pelo surgimento de vilas e povoados onde antes era apenas sertão. Fez surgir fábricas de erva-mate, armazéns, rodovias, hidrovias, vilas e cidades (MAFRA, 2008, p.83).

Assim em uma retrospectiva histórica não se pode deixar de destacar que a

Sociedade Colonizadora de Joinville, no meio dos ervais, no ano de 1873, fundou a Colônia Agrícola São Bento, com imigrantes austríacos, poloneses e alemães, numa área a leste de Campo Alegre às margens do rio São Bento, quatro quilômetros distantes da estrada em construção, no Planalto Norte de Santa Catarina [...] (MAFRA, 2008, p. 22).

A determinação e a vontade de trabalhar dos imigrantes oportunizou o desenvolvimento da região e originou os outros dois municípios que integram a região deste estudo, Campo Alegre e Rio Negrinho, conforme pode-se observar na figura 6.

⁴ Ouro verde: a erva- mate foi assim denominada, pelos imigrantes, por ser um produto nativo e geradora de renda para a subsistência. “A presença de erva-mate em abundância foi para o imigrante uma bênção divina e ele logo percebeu a importância desse ouro-verde” (MAFRA, 1993, p. 07).

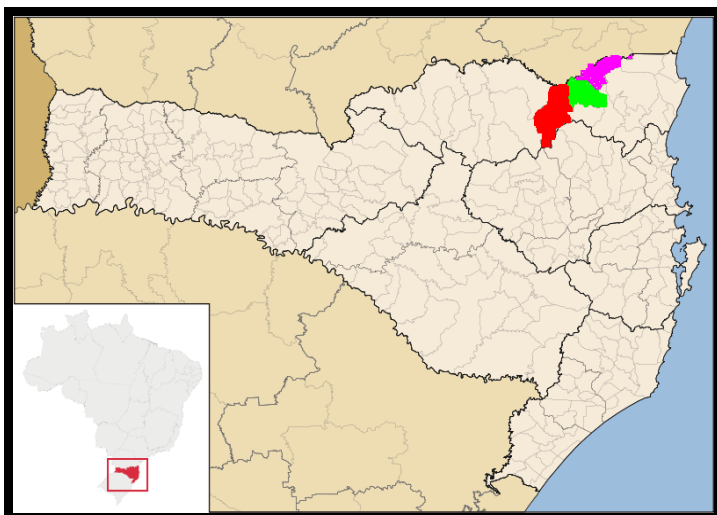


Figura 6 - Microrregião de São Bento do Sul(São Bento do Sul, Campo Alegre e Rio Negrinho)
Fonte: IBGE.

A respeito da fundação de Campo Alegre, Cabral assim coloca:

No dia 23 de Agosto de 1827 o governo imperial começou a medição dos lotes coloniais e construiu o primeiro rancho de Campo Alegre. A cidade foi nomeada de *Froeliches Feld*, que traduzido significa ‘Campo Alegre’, nome recebido devido as belas paisagens naturais que ali existiam. Em 1888 o povoado de Campo Alegre tornou-se distrito de São Bento do Sul, e em 18 de março de 1897 conquistou sua emancipação política e administrativa. O município de Campo Alegre, desmembrado de São Bento do Sul e elevado a município em 17-10-1896, inicialmente não foi colonizado por alemães, porém em 1876 recebe colonizadores alemães. (CABRAL, 1987, p. 257).

A construção da estrada D. Francisca, traz para a região imigrantes, que veem novas oportunidades de trabalho, em terras que não pertenciam a Companhia Hanseática de Colonização e sim a uma importante família paranaense, é neste contexto que surge Rio Negrinho. Cabral aponta ainda:

[...] Ai, por volta de 1875, instalou-se as famílias Ferreira de Lima, Simões de Oliveira e Gravi, naturais de São José dos Pinhais. Em 1880, a região atraiu outros moradores, inclusive colonos alemães de São Bento, pois a abertura da estrada D. Francisca, entre São Bento e Rio Negro, proporcionava trabalho aos moradores. Este movimento cresceu, em 1910, com o prosseguimento da construção do ramal de São Francisco da Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande. Surgiu, então, um pequeno povoado próximo à ponte do Rio Negrinho, cupando-se os moradores pela extração da erva-mate e da madeira. (CABRAL, 1987, p.1132)

Mafra (2008, p. 22), afirma que até as primeiras décadas do século XX, a erva-mate continuou sendo o principal produto de comercialização, tanto no mercado interno quanto no externo, porém a venda para exportação da erva-mate própria para chimarrão entrou em crise no final da década de 1930, pois a Argentina tornou-se produtora e exportadora. Época em que era freqüente se ver engenhos fechados e até mesmo alguns empresários mudando sua área de atuação. Naquele momento, percebeu-se a presença de madeira em abundância na região, esta que no futuro se transformaria na matéria prima da economia da regional e o seu produto seria comercializado, disseminando mundo afora uma identidade socioeconômica e cultural de toda uma região.

Deste modo, abria-se o caminho para o ramo madeireiro, cujo produto se consolidou como o principal produto de exportação do Estado catarinense. Este fato fez com que, principalmente

imigrantes e filhos destes (que se tornaram mais tarde empresários) na região do Alto Vale do Rio Negro, optassem pela industrialização da madeira, caracterizando assim, a extração, corte e comércio da madeira bruta, conforme é possível se ver na figura 7, quando moradores locais extraem a madeira.



Figura 7 - Colonos serram a madeira no meio da mata.

Fonte – Temes, 2002, p. 66.

O trabalho braçal que se constata na figura 7 demonstra que há uma certa intimidade com o ofício. Isto significa dizer que havia entre os colonizadores, àqueles que já tinham exímio conhecimento de algumas profissões, sendo as mais conhecidas as de:

Sapateiro, agricultor, carpinteiro, cervejeiro, vinheiro, caldeireiro, piloto, padre, chapeleiro, mascate, **engenheiro**, pedreiro, **marceneiro**, dramaturgo, **serralheiro**, ferreiro, pintor, padeiro, caixeiro, ourives, marinheiro, criador, tanoeiro, barbeiro, guarda-livros, canteiro, alfaiate, jardineiro, vidraceiro, tradutor, **arquiteto**, costureiro, foguista, marmorista, **artista gravador**, maquinista, cozinheiro, relojoeiro, músico, tecedor, charuteiro, fabricante de escovas, professor, latoeiro e fabricante de massa (DALL'ALBA e SOUZA, 2008, p. 167).

Estava, portanto, na cultura dos imigrantes, a arte dos ofícios ou das profissões e é neste contexto que surgem também na região, os primeiros fabricantes de móveis artesanais. Os mesmos eram fabricados em pequenas marcenarias e ou serrarias que na maioria das vezes era um espaço da própria casa e quando as famílias aumentavam já fazia parte da cultura ensinar aos filhos a arte do fabrico da própria mobília.

Corroborando com este pensamento as palavras de Leomar Rudnick (2009), empresário do ramo moveleiro que acompanhou desde os primeiros anos de vida o também desenvolvimento socioeconômico e cultural da região do AVRN assegura que mesmo em tempos mais antigos:

[...] quando alguém casava, automaticamente procurava um bom marceneiro para fazer os móveis da casa, e meu pai (Leopoldo Rudnick) foi um homem muito conhecido nesta região pela qualidade e “capricho” de seus móveis. (RUDNICK, 2009)

Durante a entrevista com Rudnick (2009) fotos e materiais antigos serviram para dar concretude ao imaginário desta pesquisadora que tentava visualizar o passado e para enriquecer a entrevista, fotos foram expostas e disponibilizadas para este estudo. Assim, não há como deixar de

apresentar os primeiros móveis fabricados na região o que caracteriza o estilo trazido na bagagem dos colonos alemães que se fixaram na cidade de São Bento do Sul.



Figura 8- Estilo de móveis fabricados por marceneiros locais - início da colonização.
Fonte: Acervo particular Sr. Leomar Rudnick.

Com relação aos sertanejos que já viviam na região um novo período teve início, pois tanto eles quanto os colonos passaram a ver as diferenças socioeconômicas e culturais quase que sob um mesmo prisma, ou seja, caíam os antigos padrões para os imigrantes que anteriormente viam nos nativos, um povo sem cultura” e até mesmo bruta e selvagem, enquanto que o olhar destes últimos também se transformava, pois passavam a ver nos brancos, um povo diferente, mas que mesmo desconhecendo a terra, tentava usufruir quase tudo o que dela provinha. Assim, tanto uns quanto outros passaram a assumir, mesmo que involuntariamente o conceito de cultura no sentido de que esta é tudo o que o homem transforma através dos mecanismos da inteligência e da observação (CÔRREA, 1997).

Faz-se necessário retornar ao cerne da questão deste artigo e as palavras de Leomar Rudnick para perceber que mesmo diante das dificuldades financeiras, estava intrínseca na cultura dos imigrantes a constante procura pela manutenção de antigas tradições, mas sem deixar de lado a qualidade e capricho do produto manufaturado. Aqui, pode-se entender que além de encontrar um novo lar, os imigrantes encontravam na abundância da matéria prima (que viria mais tarde ser o produto que deu a região destaque nacional), uma liberdade que antes não lhes era permitida, até por força da própria conjuntura européia. Em razão da busca do desenvolvimento e da liberdade, cabe destacar os estudos de Sen (2000) quando aponta para a unicidade do conjunto, liberdade e desenvolvimento. Em suas palavras:

A liberdade é central para o processo de desenvolvimento por duas razões: 1) A **razão avaliatória**: a avaliação do progresso tem de ser feita verificando-se primordialmente se houve aumento das liberdades das pessoas. 2) A **razão da eficácia**: a realização do desenvolvimento depende inteiramente da livre condição de agente das pessoas [...]. [Grifos no original]. (2000, p.18).

Foi na organização e na busca da solução dos problemas socioeconômicos, culturais, políticos e na liberdade de usar a madeira que os imigrantes e seus descendentes construíram uma identidade moveleira para a região e conseqüentemente a desenvolveram de modo diferenciado daqueles que já faziam uso da madeira na região. Diante disso convém emprestar as idéias de Castells (2002 p. 23) quando assegura que a construção de identidades é o resultado da reorganização dos significados, por

parte dos indivíduos, de um conjunto de fatores, dentre eles os históricos, geográficos, biológicos, pela memória coletiva, pelo poder e pela religiosidade, isto tudo em função de tendências sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo é resultado dos estudos preliminares da pesquisa que visa compreender de que forma se deu o desenvolvimento do setor moveleiro e da formação de uma identidade socioeconômica e cultural na Região do Alto Vale do Rio Negro diante do processo de colonização. Este estudo, encontra-se, portanto, em fase de desenvolvimento e muito há que contribuir para a pesquisa regional. Sabe-se que outros trabalhos já apontaram para o início da colonização quando da chegada dos imigrantes alemães a região do Alto Vale do Rio Negro. Porém, acredita-se ser importante lembrar, mais uma vez, que quando estes imigrantes subiram a Serra Dona Francisca em busca de novas terras, oportunizaram o desenvolvimento da região e construíram para a formação de uma identidade socioeconômica e cultural que se fortaleceu graças a determinação, persistência e espírito empreendedor dos que aqui se estabeleceram.

Neste sentido destaca-se as palavras de CASTELLS (2002, p.23) quando explica que “[...]as identidades também podem ser formadas a partir de instituições dominantes, somente assumem tal condição quando e se os atores sociais as internalizam, construindo seu significado com base nessa internalização”, portanto, ao seguir a linha deste pensamento se verifica que foi justamente na internalização e na persistência da preservação de uma cultura transplantada pelos colonizadores alemães do Alto Vale do Rio Negro que se deu a formação de uma identidade de pólo moveleiro que se intensificou na região rica em matéria prima.

REFERÊNCIAS

BOSSLE, Ondina Pereira. **História da industrialização catarinense**. Florianópolis: CNI, 1988

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. 4. ed. Florianópolis: Lunardelli, 1994.

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura. O poder da identidade**. Trad. Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CORRÊA, Carlos Humberto P. **História da cultura catarinense**. Florianópolis: UFSC; Diário Catarinense, 1997. 236 p.

DALL'ALBA, João Leonir; SOUZA, Celso de Oliveira (org.) **Santa Catarina, Estado de Graça!** Orleans: Gráfica do LeIo, 2008. 238 p.

ENCICLOPÉDIA MIRADOR INTERNACIONAL. São Paulo: Encyclopédia Britannica do Brasil Publicações Ltda.

KORMANN, José. **São Bento do Sul**. 3.ed. São Bento do Sul: Edição do autor, 1990-

MAFRA, Antonio Dias. **Aconteceu nos ervais: a disputa territorial entre Paraná e Santa Catarina pela exploração da erva-mate – Região Sul do Vale do Rio Negro**. Dissertação de Mestrado, 2008.

_____. **A Indústria do Desenvolvimento da Indústria do Mobiliário (Região do Alto Vale do Rio Negro: São Bento do Sul, Rio Negrinho e Campo Alegre)**. Itajaí: Universidade do Vale do Itajaí, Centro de Pós-Graduação, 1993.

SEN, Amartya. **Desenvolvimento como liberdade**. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

TERNES, A polinário. **Dona Francisca Imperial estrada da Serra**. Joinville: Letradágua, 2002.

¹ Artigo relacionado à pesquisa de Mestrado em andamento que tem apoio da UnC Mafra

² Prof. do curso de Design da UnC Mafra, Mestranda do Programa de Mestrado em Desenvolvimento Regional da UnC Canoinhas

³ Professora orientadora. Dra. em Meio Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade Federal do Paraná. Atua como docente na Universidade do Contestado.